

Uma geração vivendo no risco: a sociedade do emprego instável

Esta resenha foi retirada do relatório “Global Risks 2014, Ninth Edition - *World Economic Forum’s Global Agenda Council on Youth Unemployment, see The Future at Risk*, tradução e comentário de Lorena Ferraz C. Gonçalves¹.

Nossas vidas estão mudando em uma velocidade sem precedentes. Mudanças transformacionais na economia, no meio ambiente, nos sistemas societal e tecnológico oferecem oportunidades sem paralelo, mas a interconexão entre elas também implica em aumentar os riscos sistemáticos, ou seja, os riscos que abarcam todo o sistema em vez de atingir apenas partes dele. Representantes do mundo empresarial, do governo e da sociedade civil e de trabalhadores encaram o desafio crescente de compreender e gerenciar os riscos globais emergentes que, por definição, não respeitam fronteiras nacionais.

O alto desemprego estrutural e o subemprego foram considerados por líderes políticos em todo o mundo como um dos riscos econômicos globais mais preocupantes segundo o relatório “*Global Risks 2014, Ninth Edition*”. Atualmente, a população jovem é a que mais sofre os efeitos do desemprego e do subemprego.

É necessária uma ação coletiva arrojada para promover a criação de emprego e enfrentar a inadequação entre as habilidades disponíveis e as habilidades aproveitadas. Governo, empresários, educação, sociedade civil e o setor financeiro, todos têm um papel a desempenhar. Cerca de 300 milhões de jovens – mais ou menos 25% da população jovem do mundo – não possuem trabalho produtivo, de acordo com as estimativas do Banco Mundial. Adicionando a isso o trabalho rural e o trabalho urbano-autônomo mal remunerados, as estimativas sobem para 600 milhões. Uma explosão demográfica de jovens sem antecedentes está trazendo mais de 120 milhões de novos jovens para o mercado de trabalho a cada ano, principalmente entre os países em desenvolvimento.

Desemprego de jovens nessa escala não é somente um desperdício de capital humano e de potencial, mas também uma ameaça ao progresso econômico, criando um ciclo vicioso de menos atividade econômica e mais desemprego. Isso também aumenta o risco de conflitos sociais por criar uma espécie de “geração perdida” e insatisfeita, que ficaria mais vulnerável ao mundo do crime ou aos movimentos extremistas. Parte do problema é que **o crescimento econômico não está mais gerando empregos estáveis e qualificados como os que as gerações anteriores gozaram**. Isso é o produto de anos de avanço tecnológico e de globalização, nesse período, as regulações do mercado de trabalho incentivaram as empresas a reter antigos funcionários, em vez de contratar novos.

¹ Socióloga, mestre em Ciências Sociais (UnB).

Claro que a tecnologia também cria novos postos de trabalho, negócios e mesmo indústrias. Esses empregos demandam mais dos trabalhadores do que habilidades básicas, mas o que se observa é um crescente desajuste de habilidades. Em pesquisa global recente, um em cada três empregadores reclamam ter problemas para preencher vagas disponíveis com candidatos qualificados. Muitos dos que deixam a escola não possuem os dois, nem habilidades específicas requeridas, nem as chamadas “habilidades sutis ou *soft skills*”, como pensamento crítico, capacidade de resolver problemas, gerenciamento do tempo e comunicação, dessa forma, precisam competir por empregos ou tentar o empreendedorismo.

Um esforço convergente é necessário no sentido de sintonizar educação formal e capacitação profissional para as novas oportunidades do mundo digital. A tecnologia é um aspecto significativo do cenário do trabalho e das oportunidades para pessoas jovens, e uma área que o governo e o setor privado podem investir e encorajar tanto em nível nacional, como em nível subnacional. Governos, por exemplo, podem mobilizar parceiros sociais por meio de planos de ações nacionais adequadamente financiados, com resultados que sejam mensuráveis, e procurar formas de incentivar os empregadores a contratar trabalhadores mais jovens.

O setor privado pode conduzir currículos e programas de treinamento, comunicando sobre necessidades de competências projetadas. O mercado pode trabalhar com o setor educacional para estabelecer parcerias com as escolas e melhorar oportunidades de aprendizado. Organizações educacionais e da sociedade civil, em parceria com a indústria, podem priorizar a educação para o empreendedorismo e o desenvolvimento de habilidades sutis, tudo isso promove empregabilidade.

Já existem exemplos encorajadores, como o “Plano de Ação Nacional da Sérvia para a juventude”, este tem sido citado como modelo pelo Conselho Europeu, enquanto que o Programa de Aprendizado Alemão ajudou a cortar a taxa de desemprego de jovens para menos da metade da média europeia. Iniciativas de sucesso precisam ser urgentemente replicadas em ampla escala para resolver esse desafio complexo e trans-setorial. Políticas de emprego para jovens podem também ser desenhadas e implementadas a partir da experiência dos próprios jovens, no sentido de compreender suas atitudes e habilidades.

No mundo globalizado, os sindicatos e principalmente as centrais sindicais devem identificar nos movimentos do mercado de trabalho a situação do trabalhador jovem, primeiramente, para propor pactos capazes de assegurar adequada inserção dos jovens emergentes à dinâmica do universo-trabalho contemporâneo, e depois, para educar os jovens sobre os processos de exclusão ou exploração de que possam ser objeto. Essa adequação implica em poder desenvolver suas potencialidades e capacidade de reação, ser preparado em sintonia com as necessidades do mundo em que vive e acessar oportunidades.